

Características da cadeia pecuária bovina de corte

Esther Guimarães Cardoso⁽¹⁾

Embora a carne suína seja a mais consumida no mundo, seguido pela bovina, a produção desta última se dá na maioria dos países e, no Brasil, há fazendas de criação em todos os estados. Desta forma a discussão sobre a cadeia de produção da carne bovina não pode deixar de levar em conta o contexto nacional e mundial.

O rebanho bovino brasileiro tem cerca de 170 milhões de cabeças, numa relação de 1:1 para com a população humana, o que caracteriza o país como, pelo menos, auto-suficiente no abastecimento de carne bovina. Oitenta por cento destes animais pertencem a rebanhos especializados para o corte. Anualmente são produzidas 7 milhões de toneladas de equivalente carcaça, sendo esta a segunda produção mundial. O Brasil é o terceiro maior exportador (atrás apenas da Austrália e EUA) de carne, vendendo para cerca de 108 países. As exportações ultrapassam 500 mil toneladas de equivalente carcaça/ano (há 94 frigoríficos autorizados à exportação), gerando divisas da ordem de 800 milhões de dólares.

No Brasil a pecuária bovina ocupa cerca de 180 milhões de hectares de pastagem, com 1,8 milhões de propriedades rurais, envolvendo 7 milhões de trabalhadores rurais. Anualmente são abatidos 30 milhões de bovinos e o couro produzido, trabalhado em 560 curtumes. A pecuária bovina de corte produz matéria prima para 4.150 indústrias de calçados, envolve 100 indústrias de armazenagem, 700 indústrias de carne e derivados e 55.000 estabelecimentos no comércio varejista de carnes. A matéria prima boi movimenta mais de US\$ 30 bilhões por ano.

Para a produção de bovinos o Brasil dispõe de tecnologia avançada e em contínuo desenvolvimento, adequadas a realidade do país. Reflexo disso é o aumento que vem sendo observado na taxa de abate de novilhos, com a conseqüente diminuição do abate de bois erados. Com isso, nos últimos dez anos a taxa de desfrute do rebanho passou de 18 a 21 por cento.

A carne bovina é a mais consumida no Brasil, seguido de perto pela carne de aves. O brasileiro aprecia especialmente a carne bovina. Seu consumo é da ordem de 37kg/habitante/ano, perfazendo 92% do total produzido. Tem-se então que o grande mercado da carne bovina é o interno e que deste mercado depende a sustentabilidade da pecuária de corte nacional. Entretanto, a demanda interna é limitada pela renda da maioria da população e assim esta também compõe um dos importantes fatores para o crescimento da atividade no país. Sempre que há um aumento na renda real do trabalhador, há, a médio prazo, um relativo aumento no consumo de carne bovina, especialmente de traseiro.

Fazendo, como exemplo, o comparativo entre o preço do quilo de carne bovina na França (o contra filé a US\$ 15,50 e o músculo a US\$ 5,86) e no Brasil (a US\$ 4,43 e US\$ 1,90, respectivamente) e o número de horas de trabalho necessárias para adquiri-los, tendo por base o salário mínimo dos dois países, tem-se que, no caso do contrafilé, são preciso 10 horas de trabalho para o brasileiro adquiri-lo contra cerca de duas horas e meia do trabalhador francês. Para adquirir um quilo de músculo, o brasileiro precisa de quatro horas de trabalho contra menos de uma hora de um trabalhador francês. Isto também leva a que o preço de alimentos alternativos à carne bovina tenha importância

¹ 1Enga.-Agra., M.Sc., CREA Nº 42670/D-Visto 672/MS, EMBRAPA- Gado de Corte, Caixa Postal 154, CEP 79002-970 Campo Grande, MS. ecardoso@cnpqc.embrapa.br

na demanda nacional pelo produto. Para 2010, supondo uma baixa taxa de crescimento do PIB no período (2%), é estimado um consumo da ordem de 40 kg de carne bovina/habitante/ano. (INSTITUTO EUVALDO LODI, 2000). Com relação ao mercado externo as perspectivas são promissoras, pois o custo de produção da carne brasileira é mais baixo comparativamente a outros países produtores ou exportadores e estimativas projetam para 2010 um crescimento de 40% nas exportações brasileiras, tendo como base o ano de 1999.

Particularmente na Amazônia brasileira, a pecuária enfrenta desafios, quer tecnológicos/sanitários, quer de imagem. O primeiro desafio é o controle da febre aftosa nos estados do Circuito Pecuário Norte. Rondônia, integrante deste circuito, acaba de vencê-lo e este mês recebeu o certificado de zona livre de febre aftosa com vacinação. Mato Grosso e Tocantins (parte), pertencentes ao Circuito Pecuário Centro Oeste, já tem declaração de livres de aftosa com vacinação. Acre, Amazonas, Amapá, Roraima e a maior parte do Pará ainda não atingiram este estágio. Esta é uma das razões para o menor preço pago pela arroba do boi gordo na região norte, comparativamente ao centro sul do país. Outra razão é a localização das plantas frigoríficas e a distância destas dos centros de produção de crescimento recente como é o caso da Amazônia. Ambas as situações tendem a ser passageiras e a Amazônia poderá vir a ser o grande pólo brasileiro de produção bovina num futuro próximo.

Ainda outros pontos merecem atenção: a imagem que a sociedade guarda do passado, ligando o desflorestamento indiscriminado na região e sua ligação ao comércio irregular de madeira e à instalação de fazendas de pecuária. Hoje a pecuária amazônica está crescendo com base na intensificação dos sistemas de produção, não podendo mais ser responsabilizada pelos danos à conservação da mata amazônica. Contudo, a introdução da cultura da soja na Amazônia, com o alto retorno/ha que oferece pode ser um retrocesso nessa nova imagem se deslocar a pecuária de suas áreas de produção para novos espaços na floresta.

O clima favorece a Amazônia, comparativamente às outras áreas de criação de bovinos do Brasil: sem estação seca, ou com um período seco muito menor, e alta insolação, leva vantagem na disponibilidade de pastagens e na possibilidade de fornecimento regular de bois para abate, criados exclusivamente pasto, com alto apelo mercadológico.

Na Amazônia, assim como no resto do Brasil, a cadeia produtiva da carne, precisa ainda, e caminha para isso, fornecer animais para abate com regularidade, manter um padrão de cortes e apresentação dos produtos, criar e diversificar produtos à base de carne bovina, valorizar as exigências do consumidor final por informação e segurança alimentar, identificar nichos de mercado e atender às exigências de rastreamento e certificação do mercado europeu (e assim consolidar-se como exportador). Nesta linha, já foi publicado pela Embrapa Gado de Corte o documento "Boas Práticas de Produção de Bovinos de Corte" e, junto ao Ministério da Agricultura da Pecuária e do Abastecimento, cadastradas várias empresas certificadoras para atendimento ao Sistema Brasileiro de Identificação e Certificação de Origem Bovina e Bubalina, SISBOV.

Bibliografia citada:

INSTITUTO EUVALDO LODI. Núcleo Central, CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA AGRICULTURA, SEBRAE NACIONAL; Estudo sobre a eficiência econômica e competitiva da cadeia agroindustrial da pecuária de corte no Brasil. Brasília, 2000. 398 p.